

O NOME PRÓPRIO DA CRIANÇA PRESENTE EM ATIVIDADES DE LINGUAGEM ESCRITA NOS CADERNOS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO PERÍODO DE 1975 A 2017

Tracy Kemine Koschier Suchard¹

Eixo temático: 6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens;

Resumo: O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de Mestrado em Educação (PPGE/FaE/UFPEL), ainda em andamento, cujo objetivo geral é de analisar os registros do nome próprio da criança em atividades de linguagem escrita presentes nos cadernos escolares da educação infantil do centro de memória e pesquisa Hisales, no período de 1975 a 2017. A perspectiva teórica que subsidiou as análises dos registros encontrados nos cadernos escolares da educação infantil, pauta-se no conceito de linguagem escrita que é aqui apresentado como toda produção que se realiza por meio da escrita, envolvendo registros escritos, sejam eles solicitados pela professora ou realizados de forma espontânea.

Palavras-chaves: Cadernos escolares; educação infantil; linguagem escrita; nome próprio.

Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado em Educação (PPGE/FaE/UFPEL) e se organiza a partir da análise de cadernos escolares da educação infantil salvaguardados no centro de memória e pesquisa Hisales². O período temporal da pesquisa compreende os anos de 1975 a 2017.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas/RS. Contato: tracysuchard@gmail.com

² O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O Hisales é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. Está localizado no Campus II – UFPEL, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações sobre os acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser conferidas via internet, no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook e Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

Foi na intenção de continuar investigando sobre o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil, tema que estudei durante o estágio curricular do curso de Pedagogia, que me inscrevi no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPel) no qual fui aprovada na linha de pesquisa em Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagens e passei a fazer parte do centro de memória e pesquisa Hisales no ano de 2019.

Após vários contatos com o material empírico, leituras e contribuições da banca de qualificação da pesquisa realizada em julho de 2020, compreendi que não se trata apenas de investigar os registros de atividades com o nome próprio da criança, mas sim de compreender que existe todo um trabalho realizado com linguagem escrita nestes cadernos escolares da educação infantil, e que as atividades com o nome próprio são apenas um exemplo dos tantos outros registros neles presentes.

Os autores que subsidiam as análises realizadas acerca dos registros de linguagem escrita com foco no nome próprio da criança, são Galvão (2007, 2010) e Baptista (2010). Após estes estudos, estabeleci que o objetivo da pesquisa é analisar os registros do nome próprio da criança em atividades de linguagem escrita presentes nos cadernos escolares da educação infantil do centro de memória e pesquisa Hisales, no período de 1975 a 2017.

Os estudos na área da educação por meio de autores e autoras como Vygotsky (1984), Ferreiro (1985), Ferreiro e Teberosky (1999), Bogdan e Biklen (1994), Cellard (2008), Peres e Ramil (2015) e Costa (2017), são alguns teóricos que utilizo para compreender melhor os aspectos da investigação.

Essa busca por referenciais teóricos foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho em questão, visto que os cadernos escolares da educação infantil são ricos como fonte documental para a pesquisa em história da educação e que os registros com o nome próprio da criança fazem parte do trabalho realizado com a linguagem escrita na educação infantil.

2 Metodologia

A pesquisa está situada no campo da educação, na perspectiva teórica da linguagem escrita. Utiliza-se para tanto, os cadernos escolares da educação infantil que fazem parte do acervo³ de cadernos de alunos em fase de alfabetização do centro de memória e pesquisa Hisales.

³ O Hisales possui importantes acervos, sendo eles: Cadernos de alunos (ciclo de alfabetização e outras séries), Cadernos de planejamento (Diários de classe) de professoras, Livros para ensino da leitura e da escrita nacionais e estrangeiros, Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1900-1980), Materiais didático-pedagógicos e Escritas pessoais e familiares.

Como afirmam Peres e Ramil (2015, p. 303) “por cadernos de alfabetização compreendemos aqueles em que há registro do ensino sistemático da leitura e da escrita: pré-escolar, 1ª série, 1º ano, e em alguns casos, pós 2010, 2ª série e 2º ano. [...]”. Contudo para o caso desta pesquisa, a demarcação temporal será de 1975 a 2017, considerando somente os cadernos escolares da educação infantil. Este período foi delimitado e definido pelo material disponível no acervo na época em que iniciei a coleta de dados, que se deu entre março e setembro de 2019⁴.

A pesquisa se estrutura pelo método de investigação qualitativo, que segundo Bogdan e Biklen (1994), envolvem “a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (p.11). Este método possibilita extrair e cruzar os dados com teorias que auxiliam na investigação. Na abordagem qualitativa, analisa-se os dados “em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 48). Para isso, as observações se dão por meio de dados fotográficos e anotações sobre os registros de linguagem escrita com foco no nome próprio da criança, presentes nos cadernos escolares da educação infantil, considerados fonte da pesquisa, pois de acordo com Cellard (2008), todo escrito, manuscrito ou impresso que registra marcas do passado é considerado documento, (CELLARD, 2008, p. 297) “[...] todo vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte”.

Ao iniciar a coleta dos dados comecei pela busca de materiais na planilha de organização do acervo com título: cadernos escolares de alunos em fase de alfabetização, para posteriormente realizar a busca física nas prateleiras. Os cadernos estão organizados e divididos por décadas, seguidos do número do caderno no acervo e ano em que foi utilizado.

Nas opções de busca da planilha de cadernos não havia um item de seleção prévia para a etapa da Educação Infantil. Então utilizei os períodos listados na tabela que se encontram caracterizados como sendo da educação infantil, são eles: pré-escola, 2º período da educação infantil, 3º período da educação infantil, jardim de infância, jardim de infância nível B, pré B, pré I, educação infantil período 3A, pré II e educação infantil nível IA⁵

Com os resultados da busca na planilha, localizei um total de 45 cadernos da educação infantil, compreendidos entre os anos de 1975 a 2017 das cidades de Pelotas/RS, Capão do Leão/RS, Porto Alegre/RS e Belo Horizonte/MG, o que logo já indicava que eu estaria analisando diferentes realidades de variadas escolas do Brasil, tanto públicas quanto

⁴ Os cadernos que foram doados ao Hisales posteriormente a esse período não foram inseridos nessa pesquisa.

⁵ As nomenclaturas utilizadas para indicar o ano/série, a descrição da rede de ensino (se pública ou privada) e a localização da escola (município) são baseadas nos dados apresentados nas etiquetas de identificação, que compõem as caixas nas quais os cadernos estão alocados no acervo.

privadas, mas que apresentavam uma característica em comum, o uso do caderno escolar para registrar as atividades de linguagem escrita na educação infantil.

3 Fundamentação Teórica

Considerando que a cultura escrita não se manifesta da mesma forma em todos os lugares ao mesmo tempo, os conhecimentos adquiridos pelas crianças variam de acordo com a influência e a presença que a escrita tem no contexto social e cultural em que vivem. Pode-se afirmar que a cultura escrita “é o lugar - simbólico e material- que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade (GALVÃO, 2010, p. 218).

Mesmo que a linguagem escrita seja um conceito que não se restringe ao âmbito escolar, é neste meio que ela é trabalhada diretamente, pois segundo Galvão (2007) “a escola passou a ocupar espaço central [...] nos processos de transmissão dos saberes” (GALVÃO, 2007, p.11), através de uma linguagem que se configura por meio da socialização das culturas.

Baptista (2010, p.3) afirma que “o desejo de compreender o sistema de escrita e dele se apropriar é fruto da interação da criança com a cultura escrita, o que pode ocorrer antes mesmo de ela frequentar instituições de educação infantil”, todavia, é na escola que as práticas culturais orais e as práticas culturais escritas se desenvolvem e são apresentadas as crianças como linguagens a serem por elas apropriadas.

Nesse sentido, para analisar os dados sobre os registros de linguagem escrita com foco no nome próprio da criança presentes nos cadernos escolares, utilizo definição de Baptista (2010), que diz que a linguagem escrita “refere-se às produções que se realizam por meio da escrita e aos resultados do uso social que se faz desse objeto do conhecimento” (BAPTISTA, 2010, p.2), portanto a linguagem escrita é aqui apresentada como toda produção que se realiza por meio da escrita, envolvendo registros escritos, sejam eles solicitados pela professora ou realizados de forma espontânea.

4 Resultados e Discussões

Sendo os registros do nome, o cerne desta pesquisa, busco apreender de que forma os registros do nome próprio da criança estão presentes nos cadernos escolares da educação infantil?

A coleta de dados revelou que os registros do nome próprio da criança estão presentes nos cadernos em diversas atividades de linguagem escrita, identificadas como:

- 1) Atividades com cabeçalho de rotina;

Os tipos de atividade com cabeçalho de rotina, são aqueles em que é solicitado que a criança escreva data, nome da escola, clima/tempo e nome do aluno antes de se iniciarem as tarefas do dia.

As escritas de cabeçalho de rotina, foram assim consideradas porque envolvem o exercício repetitivo diário de escrever alguns dados no topo da folha, para posteriormente se iniciar os registros de outras atividades.

2) Atividades com enunciados “Meu nome é ...”, “Nome: ” e “escreve teu nome”

Esse tipo de atividade geralmente é encontrado na primeira página do caderno da criança, alguns por cima do pontilhado e outros não. Com uma proposta sucinta, fica explícito no enunciado o que a criança deve escrever.

3) Atividades “segue”, “copia”, “continua”, “repete”, “cobrir o tracejado”, ou “vamos copiar? ”;

Neste tipo de atividade, o nome próprio da criança aparece juntamente com a proposta de escrita de outras palavras, números e formas gráficas, ou também, pode aparecer sozinho, em atividades de copiar e encher linhas apenas com a escrita do nome.

Nesta categoria, as propostas de atividades de escrita do nome da criança podem surgir a partir de uma escrita prévia realizada pela professora para servir de referência na realização da atividade, ou também, podem aparecer em atividades nas quais não há indicação de uma escrita prévia do nome da criança. Isso remete a ideia de que as crianças partiram de seus conhecimentos já adquiridos sobre seus respectivos nomes para realizar as atividades. Há também a possibilidade de a professora ter escrito o nome da criança na lousa ou em outro local e solicitado que a ela copiasse no caderno ou na folhinha.

Nas atividades em que a criança utiliza uma escrita prévia do nome como referência para produzir a sua própria escrita, elas se iniciam com a proposta de que a criança passe por cima do pontilhado do nome, para que, posteriormente, ainda na mesma proposta e na mesma folha, a criança passe a escrever o nome sozinha, sem pontilhados.

As atividades das categorias 1), 2) e 3) consistem em atividades de linguagem escrita com a utilização do nome próprio da criança. Elas denotam um foco na ação mecânica do ato de escrever, com ênfase na cópia, repetição e memorização de letras, números, sílabas e palavras.

Esse tipo de atividade, advém das concepções do período preparatório da alfabetização, que de acordo com Costa (2017), foi instituído no Brasil, a partir dos anos 1930 por influência de Lourenço Filho, que considerava que as crianças precisariam adquirir certa maturidade cognitiva, motora, biológica, visual, etc., para depois se iniciarem os processos de alfabetização. Essa concepção foi discutida pelas autoras Ferreiro e Teberosky (1999) que passaram a criticar esse método de ensino, pois consideravam a apropriação da linguagem

escrita como resultado de uma construção conceitual, e não como uma mera consequência do desenvolvimento de habilidades de memória e percepção viso-motoras. As discussões de base psicogenética concebidas por Ferreiro e Teberosky se difundem no Brasil “[...] depois da metade dos anos 80 do século XX” (COSTA 2017, p. 20).

Essa premissa também é trabalhada por Baptista (2010), que considera um dever que o desenvolvimento da linguagem escrita seja trabalhado com crianças menores de sete anos, mas de forma a respeitar “o direito ao conhecimento e, ao mesmo tempo, a capacidade, o interesse e o desejo de cada um de aprender” (BAPTISTA, 2010, p. 22), pois as crianças são sujeitos cognoscentes, elas interagem com o mundo da escrita de uma forma particular, e são portanto capazes de formular hipóteses e elaborar estratégias para dele se apropriar.

A partir das reflexões realizadas até o momento entende-se que as atividades analisadas, embora trabalhem com letras e por vezes com sílabas e palavras, não são consideradas práticas de inserção da criança no campo da linguagem escrita, mas apenas um conhecimento prévio apresentado a elas sobre as formas, o valor sonoro e as combinações que as letras do alfabeto possuem, pois de acordo com Ferreiro (1985, p. 102) “é necessário imaginação pedagógica para dar às crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita” para que a escrita não seja ensinada apenas como algo mecânico e desprovido de sentido. Só então poderemos estar certos de que a escrita “se desenvolverá não como hábito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem” (VYGOTSKI 1984, p. 79).

5 Considerações Parciais

Ressalto que não é possível ponderar com certeza sobre o trabalho realizado em sala de aula, pois se trata de uma pesquisa documental, cuja escala de observação realizada sobre os cadernos escolares da educação infantil se dá somente por meio da análise dos registros. Contudo, as reflexões realizadas até o momento indicam que o nome próprio da criança presente nas atividades de linguagem escrita se resume a cobrir pontilhados, copiar e encher linha. Transmitindo a ideia de que a escrita é apenas um sistema de signos, e que se aprende por repetição e memorização.

Esse tipo de atividade de linguagem escrita, quando trabalhada de forma isolada das outras linguagens e apenas com função de memorizar a forma gráfica e a ordem das letras, tendem a não colaborar com a apropriação da linguagem escrita pela criança, pois denotam seu foco na preparação para a alfabetização, cujas habilidades específicas se concentram no ensino direto e sistemático das convenções da escrita.

Desta forma, ao focar no período de 42 anos que compreendem os cadernos

pesquisados, é possível afirmar que o nome próprio da criança está presente nas atividades de linguagem escrita em exercícios mecânicos de copiar e encher linha.

Referências

BAPTISTA, Monica Correa. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

COSTA, Larissa Lima Nascimento. **O período preparatório da alfabetização em cadernos escolares de alunos**. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2017.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; et al. **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes. CARVALHO. Gilcinei (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Constituição dos Acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua Contribuição para as investigações em Educação. **Revista história da educação**, vol.19, n. 47, p.297-311, 2015.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo Martins Fontes, 1984.